

Pedro Soares fala de uma ‘dor de alma’...

Compradores desapareceram e floricultor teve de destruir 90% da sua produção de margaridas

Milhares de margaridas perfeitamente cuidadas estão a ser arrancadas da terra pelo produtor e pelos seus colaboradores para, depois de secas, prosseguirem para a MUSAMI, onde serão transformadas em composto. Para Pedro Soares esta é uma situação “pela qual nunca passou” e que representa um avultado prejuízo, tendo em conta que seria nesta altura do ano que teria maior sucesso nas vendas, o que lhe permitiria também amealhar algum dinheiro para fazer face a despesas como os subsídios dos seus empregados.

Com a suspensão e o cancelamento de diversos eventos, desde as mais variadas cerimónias religiosas que marcam esta época do ano até aos dias mais simbólicos como é o caso do Dia da Mãe, há um sector que se encontra – à semelhança de muitos outros – a passar por grandes dificuldades, nomeadamente o da floricultura.

Exemplo disso é o caso de Pedro Soares e da sua empresa, responsável essencialmente pela produção de margaridas mas também pela produção de flores como gerberas, lírios ou frésias, que se vê agora obrigado a retirar do solo e a secar 90% da sua produção para que a Musami a possa transformar em composto.

Ao longo dos vários anos em que está ligado a esta área, o produtor afirma que nunca lhe aconteceu uma situação destas, ao passar por um momento em que vende apenas 10% daquilo que estava previsto no seu plano de negócios, através dos supermercados e minimercados que continuam abertos, bem como através da loja que tem em São Roque mas que apenas tem vindo a servir funerais.

No passado, conta, existiram anos em que perdeu milhares de molhos de flores, mas estas perdas foram equacionadas e foram parte de “um risco calculado”, cenário que hoje não existe e que vê como um “recomeçar do zero”.

Durante o período de Páscoa, um dos pontos mais altos do seu negócio e que abre portas a outros momentos chave do ano, tal como as festas em honra do Espírito Santo ou do Senhor Santo Cristo dos Milagres, comunhões e casamentos, adianta ter vendido “apenas 20 molhos de margaridas para uma pequena celebração”, enquanto nos anos anteriores tem registo de vender “quatro mil molhos de margaridas e 200 molhos de lírios”.

Tendo em conta o número residual de clientes com que conta actualmente e as grandes produções que se encontra entretanto a destruir, Pedro Soares refere mesmo que não irá recuperar disto ainda durante este ano, uma vez que “não há nada que compense esta época, porque é nesta altura do ano que juntamos mais para fazer face a certas despesas, como subsídios de férias ou subsídios de Natal”.

No início, adianta, chegou a desvalorizar os efeitos que o novo coronavírus poderia vir a ter na economia de Portugal



Pedro Soares não esconde a tristeza por ser obrigado a destruir as flores

e das Regiões Autónomas, mas agora não lhe restam dúvidas: “Isto tomou novas proporções e uma catástrofe instalou-se (...), nem é uma crise, é preciso inventar um nome diferente para isto. Uma crise é baixa de vendas, isto é uma estagnação total”, diz preocupado.

De momento considera-se optimista quando refere que as suas vendas representam um total de 10% da sua produção, um valor que embora indique que há dinheiro a ser movimentado “não é suficiente para fazer face às despesas mensais”, sem esquecer o facto de que tem actualmente três funcionários a trabalhar consigo nas estufas e que tem também uma funcionária na loja física e que se encontra a trabalhar a meio tempo para evitar a entrada em “lay-off”.

No que diz respeito aos apoios de que poderá usufruir, Pedro Soares adianta que no seu caso a única opção – de momento – será recorrer a uma linha de crédito, algo que o deixa reticente, tendo em conta o avultado investimento que fez na sua empresa no ano passado.

“No nosso caso só se recorrermos a linhas de crédito, mas não sei se vai valer

a pena. Temos que ter dinheiro para pagar um crédito. No ano passado fizemos um investimento grande, tenho investido mais de 300 mil euros referentes à aquisição de um terreno e de estufas com tudo automatizado para otimizar a produção”, explica.

Por este motivo, e tendo em conta também situações semelhantes por que possam estar a passar outros empresários, o floricultor afirma que “as linhas de crédito não irão ajudar, mas sim fazer o inverso. Irão complicar mais a vida porque a retoma, se existir, vai ser gradual e limitada”.

Contudo, para Pedro Soares, nada fazia adivinhar que 2020 iria ter este tipo de resultados, uma vez que “em Janeiro e Fevereiro tivemos uma boa facturação, tal

como até dia 15 de Março, que também foi bom, mas a partir daí nada funcionou”.

Apesar da quebra acentuada nas vendas das flores que produz, Pedro Soares diz que continua a produzir na totalidade, semeando assim “uma mensagem de esperança ou de ilusão” para si próprio, a qual verá florir dentro de três meses, altura em que espera ver tudo normalizado.

“Estou a continuar a plantar porque fazemos um plano para quatro meses. O que estou a plantar agora estava previsto há três semanas ou há um mês e só vou fazer a apanha daqui a três meses. É uma mensagem de esperança ou uma ilusão de esperança para mim próprio”, conclui.

Joana Medeiros



Milhares de flores destruídas por desaparecer o mercado